Sidnei Santana Pereira

*Mil Calares
e uma Boca Suja*

Sidnei Santana Pereira

**Mil calares
E uma boca
suja**

Abril, 2024

Prefácio

O drama *Mil Calares e uma Boca Suja* é uma obra datada, precisamente em 2002.

Na ausência de melhor destino, ficou guardada nas gavetas virtuais de notes e pen drives.

Mas, como segredos não tão secretos nunca duram escondidos, passei olhos por ele em algum dia recente e vi o quanto ainda era pertinente, atual.

Recordei então a importância da palavra e, mais precisamente, como componente da verdade, ainda que, entre significantes e significados, haja um mundo infinito de possibilidades.

O que percebi foi que, entre o discurso proferido pelas personagens do núcleo filosófico e a vivência do casal Ramiro e Mariana há uma busca por sentenças universais que ainda precisavam ser expelidas, ainda que soassem agressivas e que viessem a ferir ouvidos mais sensíveis.

Com imensa sinceridade, não espero que agrade a todos, sequer à maioria.

Mas, se puder trazer à tona algumas reflexões que julgo importantes, meu objetivo estará realizado.

Que um dia possamos superar nosso medo.

Mil calares e uma boca suja

1º Ato - Cena I - Núcleo I

(Labirintos ao fundo, recebendo iluminação baixa. Nos cantos, esqueletos sentados, mãos unidas em súplica. Ressoa um berrante. Entra ator com cabeça de boi, circula pelo palco, gira sobre si. Ao mesmo tempo, entram Homem 1 e Homem 2, um com máscara de dor; outro com máscara de angústia. Dão as mãos ao ator com cabeça de boi e giram com ele. Ressoa novamente o berrante. Sai o homem com cabeça de boi.)

Homem 1

- Cala! Cala-te! Calo-me! Que tudo se cale! Um homem, ora, é o terço do seu silêncio. É! O terço do seu silêncio é quanto ele vale... (rompe um cordão de contas e vai largando-as, uma a uma, acompanhado pelo coro)

Coro

- O terço do silêncio do homem é quanto ele vale!
- Para calar sua boca, ele vale!
- Para calar seus pés, ele vale!
- Para calar seus espantos, ele vale!

Homem 1

- E que meus olhos não me denunciem...

Coro

- Assim! Cala! Que tua boca, teus pés, teus espantos, tuas garras, teus colhões...
- Cala! Que há de calar, tudo cale: a vontade, a esperança, o desejo...

(Canto gregoriano)

- Há de enterrar a vontade.
- Há de travar o desejo.
- Há de evitar a esperança.

Homem 2

- O gozo... (*ri baixinho*)

- Um homem que se preze a sustentar sua enorme vidinha, há de assumir certos princípios: obediência! Relativa ou absoluta! Desde que cumpra com cada obrigação! Respeito aos que lhe mandam, respeito aos que o comem, aos que o bebem, o sugam, o defecam, o esvaziam, o estupram, o transformam em sopa, caldo de tomar com canudinho ou pó de cheirar em suas incomensuráveis esbórnias... seguir certos princípios... na longa trajetória de escravo dos delírios alheios...

Homem 1 (*Olha nos olhos do Homem 2*)

- Um homem há de casar, ter filhos, trabalhar quarenta horas semanais, fora as extras... Passar na padaria, comprar o pão, o leite, o jornal... Assistir TV, balançar religiosamente a cabeça diante do comentarista da TV... Ver a novela... Vez em quando preparar a cama e a esposa, que alguma vantagem da cama se exige... Receber uns amigos... Tomar aquela cerveja comprada quente no supermercado, que é mais barata... E evitar o amargor, a palavra bÍlis brotando das profundezas... E amargar um pesado sono, que amanhã será mais um outro dia...

Homem 2

- Um homem cresce é para essas vidas... Jogos inúteis de boto fazendo filhos... Três refeições ao dia, cigarro fumando pulmões, cachaça rasgando o fígado... Cadência de Thânatu pulsando a garganta vazia de infinito nada...

Homem 1

- Eu sou um homem! Para quê?

Homem 2

- Eu sou um homem! E daí?

Homem 1 (*aponta para si e se afasta,
como se fosse outro*)

- Você?! Um homem?!

Homem 2 *(Se coloca na posição inicial do Homem. 1)*

- Eu, sim! Um homem!

(Ficam a se fitar. Retiram as máscaras. Toca o berrante. Entra o ator com cabeça de boi. Gira em torno dos homens, que passam a acompanhá-lo. Saem.)

Fecha cena

1º Ato - Cena II - Núcleo II

(Praça. Pouca iluminação. Som suave. Entram Mariana e Ramiro. Mãos dadas. Passeiam. Líricos. Sentam-se bem juntos em um banco, olhos nos olhos.)

Mariana *(Lânguida)*

- Então, Ramiro, vamos?

Ramiro *(Seco)*

- Não, Mariana! Já disse que não! Eu prometi aos teus pais! E a mim mesmo! É bem melhor nós esperarmos o casamento! Está próximo! E será bem melhor se estivermos puros no altar...

Mariana (*Irritada*)

- Puros? Altar? Que é isso, Ramiro?!
Ramiro, nós estamos no século XXI, época de transformações, da internet, das salas de bate-papo, do Facebook, de realidades virtuais, de mil e uma descobertas científicas... do homem chegando a Marte! E você querendo chegar puro ao altar?!

Ramiro

- Sim, puro! E não é por essas perversões do mundo moderno que nós vamos cair em pecado...! Você ouviu o que o pastor disse: (*pompa leve*) - O inimigo anda rondando nossos lares, enganando com essas

ideias novas, querendo levar nossas
almas para o inferno!

Mariana

- Inferno?! Que inferno, nada! Desde
quando amar é pecado? Desde
quando fazer sexo é pecado?
(*Novamente lânguida*) O que eu
queria era amar você... sentir você em
mim... ter prazer...

Ramiro

- Mariana, você para, hein!

Mariana

- Ramiro! Você às vezes me dá um ódio!
Vamos, me leva para casa!

(Saem. Toca o berrante)

Fecha cena